

RESUMO

Essa escrita tem o intuito de articular alguns relatos da minha prática artística com conceitos e provocações presentes no material bibliográfico da disciplina **eletiva** do Mestrado em Artes da Unespar – Revitalizando o Comum- ministrada pelo professor Giancarlo Martins, bem como ideias que se aproximam nessas duas instâncias para abordar de forma analítica como as práticas cênicas acionadas grupalmente durante a residência Cidade Cabaré da Selvática Ações Artísticas podem se aproximar de ideias forjadas por Achille Mbembe sobre políticas de inimizade e necropolítica, relacionando-o com os pensamentos sobre a morte e a solidão trans presentes em J. Mombaça, bem como reflexões acerca do reenactment político da performance e os corpos Crip de Christine Greiner.

PALAVRAS-CHAVE: Travestis; Solidão; Necropoder; Afeto; Ativismo.

NOTES ON TRANS EXPERIENCES IN PERFORMATIVE CREATIONS BEYOND THE ORDINARY

ABSTRACT

The purpose of this article is to articulate some of the stories of my artistic practice with concepts and provocations present in the bibliographic material of the elective discipline of the UNESPAR's Master of Arts - Revitalizing the Common- taught by Professor Giancarlo Martins, as well as ideas that come close in these two instances in order to approach in an analytically how the scenic practices triggered in groups during the Cidade Cabaré residency by residency can come close to ideas forged by Achille Mbembé on the politics of enmity and necropolitics, relating it to the thoughts on death and loneliness present in J. Mombaça, as well as reflections on the political political re-enactment of performance and the Crip bodies of Christine Greiner's Crip bodies.

KEY-WORDS: Travesti; Loneliness; necropower; affection; activism.

1. Deriva-Desmonte: desafiando o pré-estabelecido na cidade

Esse texto procura relatar partes do processo de criação do cabaré de rua – Cidade Cabaré, da Selvática Ações Artísticas, passando por disparadores criativos propostos por mim para a criação de cenas que relacionam aspectos sobre a cidade e as materialidades presentes nela. Também lida com temáticas suscitadas por essas materialidades-corpos para investigar artisticamente a cidade como um palco de cabaré. Tais provocações desembocaram na criação da cena “Boate Armadilha”. Esta cena posteriormente se desdobrou na ação performática “Contágio”, realizada no curso de Mestrado em Artes da UNESPAR-FAP.

Cidade Cabaré teve como diferencial o fato de agrupar vários artistas de cabaré ao redor do Brasil que pesquisam em seus números questões relativas à interação com a cidade enquanto espaço público e, por isso, um palco possível para as performances das dissidências. Essa residência se deu em dois momentos: um primeiro, em que nos encontramos com 20 artistas de Curitiba, Colômbia, Honduras e Minas Gerais, convidando-os a estar conosco para compartilhar de nossos processos de criação. E um segundo momento, que contou com 4 artistas selecionados para um processo de criação de dois meses, que resultaria numa performance de apresentação única, no Largo da Ordem, em Curitiba. Fazia parte do intuito alargar as relações com a cidade e com outros/as artistas cabareteiros/as, havendo, assim, um compartilhamento constante de modos de criar e experienciar a vida.

Como parte do segundo encontro da residência, foi proposto que cada artista fizesse uma deriva pela

¹ Artista da cena e figurinista, integrante do coletivo Selvática Ações Artísticas. Bacharel em Artes Cênicas pela UNESPAR – FAP e Mestranda do PPGARTES – UNESPAR.

cidade durante um tempo e que trouxesse dessa deriva um objeto, uma materialidade que não conheciam ainda. Também foi pedido que uma inflexão escrita sobre esse processo de observação da cidade tendo a materialidade recolhida como um aporte. Nesse texto relatarei mais de perto impressões do processo em busca de fazer uma correlação com ideias e conceitos que inspiram essas experimentações práticas.

A atividade se inicia em frente ao monumento Ildefonso Xavier Ferreira, na Praça Santos Andrade. Ao se agrupar neste local o coletivo já causa uma fissura por suas vivências como corpos dissidentes nos mais diversos sentidos: pessoas pretas, trans, gordas, periféricas, artistas de cabaré, convivendo publicamente no centro da cidade. A presença de artistas dissidentes, vivendo suas estranhezas e instaurando outros modos de existência na urbe.

Christine Greiner (2023) ao mencionar um escopo de autores de sua bibliografia *crip*, nos coloca em contato com vivências como as de Artaud e Paul Preciado, que consideram a reinvenção de si mesmos como os seus materiais artísticos. Suas obras são seus corpos. Artistas que travam uma “guerra” contra os determinismos biológicos e psíquicos, em busca de novas experiências na cidade a partir do seu colocar-se no mundo.

Os escritos de Greiner em muito dialogam com as proposições feitas na residência Cabaré Cidade, no qual os/as artistas são convidados/as a colocar-se no mundo, ativando suas caminhadas em busca do objeto perdido, após a leitura realizada de uma parte da dramaturgia escrita por Francisco Mallmann para o espetáculo *Pinheiros e Precipícios*, como dispositivo para imaginar uma nova Curitiba, longe dos padrões hegemônicos de uma moral de fundação euro centrada e colonial.

A cidade vai se erguer gloriosa a todos os demônios inventados para exaltá-la. As calçadas serão passarelas iluminadas à meia-luz, à meia-noite para ver passar os majestosos vampiros, espíritos e rainhas que aqui vivem.

A praça vai ser lar para a nudez total, para o corpo que não é oco, ainda que aberto para o vazio. A mulher vai se levantar, a dama gigante vai lutar, provando que aqui existe o coração. As ruas estarão cobertas por rosas vermelhas. O imenso breu vai subir ao Largo, vai babar atrocidades sobre o velho beerrão que esqueceu o caminho. As lágrimas das senhoras das Sociedades farão surgir cachoeiras do alto de suas coberturas. As mocinhas dos passos mais incertos, durante a plena noite, degolarão os mais sugestivos cavalheiros e deixarão as cabeças ali, fechando os bueiros, obstruindo todas as passagens mais subterrâneas da mais provinciana das metrópoles. A Gilda vai dançar nos cemitérios mais marginais, mais periféricos. A festa vai ser clandestina. (MALLMANN, 2017).

A relação com a cidade pode ser uma marca na convivência de qualquer corpo dissidente. Caminhar por aí à luz do dia é algo que para muitas de nós parece ser proibido. Do contrário seremos alvo de ações preconceituosas que reforçam a estigma sobre nossos corpos, ações que tentam nos relegar às sombras e fazer de nossas existências parte de um imaginário que ocupa lugares de precariedade, desemprego, pobreza, inexistência e até mesmo morte. A cidade ainda acredita que precisamos nos esconder. Esconder nossas singularidades. Um grupo de pessoas racializadas, pretas, imigrantes, transexuais, com todos os formatos de corpos e peculiaridades de suas existências para além do comum, vagando pela urbe, observando a cidade sob suas perspectivas pode ser muito além do que se espera de nós. Ao vagar, buscamos novas formas de transpor a ordem estabelecida das coisas e dos “modos como os estereótipos são construídos, naturalizados e incorporados nas complexidades sociais, econômicas e culturais” (GREINER, 2023, p.6).

Nossos corpos vagando criativamente pela cidade, reinventam uma relação de convivência forjada por séculos de opressão, racismo, transfobia, lesbohomofobia, xenofobia e toda forma de violência imposta,

que nos oprime, acumulando camadas e camadas de opressão e extermínio.

Após o retorno de suas derivas, os/as residentes foram encorajados/as a compartilhar de suas experiências, suas impressões, suas escritas e suas materialidades. Em meio à incensos, panelas, pipocas, penas de pombas, uma janela velha encontrada em meio a entulhos de construção, cartas de baralho e outros objetos recém conhecidos por cada um, histórias foram sendo contadas. Dentre elas um relato chamou a minha atenção por sua contundência. A artista Major Farias, lendária figura na cena *Ballroom* no Brasil, já contribui há alguns anos, sobretudo pela construção de narrativas de seu corpo-travesti-preta como matéria prima do seu fazer artístico, com a cena cultural da cidade.

A artista relata que o que serviu como linha de força para a sua deriva, para além da curadoria de um objeto desconhecido, foi a potência dos olhares. Enquanto olhava a cidade em busca de uma materialidade que não conhecia, foi percebendo de forma imediata, em sincronia com o seu olhar de busca curatorial, os olhares de outras pessoas – olhares que flutuavam entre o desejo e a morte. Ao se distanciar desses olhares, a artista encontrou um canteiro em obras onde pedras de *petit pavét* estavam amontoadas. Selecionou uma pedra de cor preta, pois, ao ser vítima do olhar cotidiano que a empurrava para longe das pessoas, encontrar essa pedra a fez lembrar da Curitiba que se encontra embaixo do *petit pavét*, meramente ornamental das calçadas. A Curitiba outrora construída por urbanistas negros, muitas vezes não reconhecidos. Corpos pretos rechaçados às periferias tão distantes do centro. O *petit pavét* como contraste entre as diferentes realidades, as diferentes cidades que compõem a própria cidade.

Os olhares que se colocaram sobre o corpo da artista que é marcada por atravessamentos de classe, gênero e raça enquanto observava a cidade, nos lembra das questões relacionadas ao nanorracismo, colocadas por Achille Mbembe em seus escritos sobre as *Políticas de inimizade*. Mbembe (2020, p.101) ressalta que o nanorracismo é o preconceito destilado nos “gestos aparentemente inócuos do dia a dia”. Como corpos dissidentes, sabemos que os olhares são muito mais que um mero encontro no espaço. São muitas vezes armas apontadas em nossa direção, pois o espaço público se encontra em disputa. Tais corpos revitalizam o comum ao pensar criativamente os espaços, e que conforme Greiner (2023) desvelam histórias, modos de entendimento e de acionar a cidade, que desestabilizam os dispositivos de poder, desafiando as noções de sujeito possível no mundo. Uma corpa preta e trans, em busca de desvelar a cidade soterrada pelo racismo para construir uma nova cidade, uma Curitiba Preta, onde se consiga exterminar os olhares maliciosamente voluntários do nanorracismo. Como discorre Mbembe (2020, p.105)

Mas o que se deve entender por nanorracismo, senão essa forma narcótica do preconceito de cor que se expressa nos gestos aparentemente inócuos do dia a dia, por causa de uma insignificância, uma afirmação aparentemente inconsciente, uma brincadeira, uma alusão ou uma insinuação, lapso, uma piada, algo implícito e, que se diga com todas as letras, uma malícia voluntária, uma intenção maldosa, um menosprezo ou um estorvo deliberados, um obscuro desejo de estigmatizar e, acima de tudo, de agredir, de ferir e humilhar, de profanar aquele que não consideramos como sendo dos nossos?

A lógica do patriarcado branco curitibano que rege com a intenção de exterminar de seus convívios os corpos pretos e trans é a mesma que mantém o Brasil no topo dos países que mais matam travestis e transexuais². Uma sociedade que aparta a população negra para fora do perímetro central na tentativa de fazer do centro da cidade o seu condomínio. Uma sociedade que se sente invadida e hiper vigiada quando esses corpos cruzam os limites do que acredita que ser seguro para suas crianças brancas, para os seus

2 Dados segundo a ANTRA (Associação Nacional de Travestis e transexuais), 2023).

futuros. Uma sociedade que alimenta a população carcerária com corpos pretos destituídos de direito.

As questões sobre a participação de corpos dissidentes em espaços públicos acabam enveredando numa discussão sobre como esses mesmos corpos são destituídos de afeto e, portanto, mais suscetíveis à solidão, à violência e à morte.

2. Boate Armadilha – um lugar na cidade onde uma travesti pode ser amada

Eu vi uma travesti fumando sozinha,
pois fumaça era tudo que ela tinha.
Ela tinha medo da morte
e de ficar cada vez mais e
mais
sozinha.

Eu vi uma travesti dublando
e dublar era o único talento que ela tinha...
dublava com fome, com dor e com frio
dublava e nada a detinha.

Encontrei uma travesti em pé
em meio ao arquivo das vestes perdidas
do céu caíam coroas fajutas
de materialidades perecíveis
Um brilho barateado de frágil plástico cromado
ela chorava, mas ninguém a via.

Eu vi uma travesti resistindo
a cidade descia goela abaixo queimando
ela também se viu resistindo
e sorrimos.

Eu vi travesti sorrindo, juntas, resistindo
o brilho daquele encontro foi visto nos olhos de gerações e gerações de travestis futuras.

(BELO, 2024)

Há tempos algumas perguntas vêm sendo parte constituinte dos meus processos de criação. Entre elas: Como pensar um lugar na cidade onde possamos existir na plenitude de nossos corpos? Ouso ir além: como pensar um lugar na cidade onde nossos corpos, em suas plenitudes, sejam amados à luz do dia? Como pensar uma instalação/ armadilha/ boate/ vestido de pedrarias/ onde uma travesti possa ser amada e ser vista sendo amada em público? Como é a solidão de uma travesti?

Um aspecto muito comum na relação de corpos trans e travestis com a cidade é a crença errônea de que não podemos ser amadas fora de uma perspectiva do sigilo. O mesmo sigilo que fomenta a ideia de que nossos corpos têm que estar convivendo apenas com o escuro e as sombras da noite. Na noite, quando “homens de bem”, que se perceberam febrilmente apaixonados por uma travesti, podem fugir de seus lares para finalmente, escondidos, tocarem nossos corpos. Quanta ironia há em perceber que o medo de amar os nossos corpos em público é o mesmo medo que leva a nos matarem? Há uma maldição hoje sobre o Brasil: Somos o país que mais mata travestis e transexuais no mundo pelo 14º ano consecutivo e descaradamente estamos também no pódio quando se trata do consumo de pornografia trans no mundo.

Imbuída dessas reflexões e questionamentos, propus-me a compartilhar com meu grupo um dispositivo de criação chamado Boate Armadilha. A primeira proposição foi: trazer de casa materialidades que tivessem a ver com afeto e ao mesmo tempo pudessem servir como estrutura para uma instalação. Ao nos encontrarmos em determinado ponto, escolheríamos juntas um lugar na cidade para lá compormos uma ação. No caminho deveríamos nos apaixonar por outras materialidades que encontrássemos, ao acaso. Ao chegar no local, de posse dos materiais, pensaríamos em estratégias para modificar aquele espaço, tornando-o perfeito para que “uma travesti pudesse ser amada em público”.

Foi sugerido que quem quisesse, poderia levar números de cabaré e textos sobre a temática da solidão travesti para compartilhar com os/as demais, e com o público espontâneo que fosse caindo na armadilha instalada na cidade. A artista Princesa Ricardo Marinelli, fez a leitura do texto *Cartas às que vivem e vibram apesar do Brasil*, parte da obra “Não vão nos matar agora”, da escritora trans J. Mombaça (2021). Este texto pode ser correlacionado com os escritos de Mbembe (2020) por estabelecer uma articulação entre políticas de inimizade e a forma como o nanorracismo influencia diretamente na autoestima de suas vítimas. Assim como a população negra, a população trans também é alvo de uma construção que se baseia no medo do não semelhante. Esse medo presente na sociedade da inimizade age como um desdobramento do necropoder, que respalda a vida de quem é o semelhante, e relega a morte aos divergentes.

Mombaça convida suas irmãs travestis e toda a população trans – em risco iminente de morte – a viver à revelia do mundo e afirmar veementemente que não vão nos matar agora, pois ainda estamos aqui, embora muitas já tenham sido exterminadas e subordinadas ao esquecimento.

A leitura da artista no primeiro dia de *Boate Armadilha*, enunciava em alto e bom som do que se tratava aquela prática utópica na Praça Nossa Senhora de Salete:

À revelia do mundo, eu as convoco a viver apesar de tudo. Na radicalidade do impossível. Aqui, onde todas as portas estão fechadas, e por isso mesmo somos levadas a conhecer o mapa das brechas. (...)

Aqui, onde não somos a promessa, mas o milagre. Aqui, onde não nos cabe salvar o mundo, o Brasil ou o que quer que seja. Onde nossas vidas impossíveis se manifestam umas nas outras e manifestam, com sua dissonância, dimensões e modalidades de mundo que nos recusamos a entregar ao poder. Aqui. Aqui ainda. (MOMBAÇA, 2020, p.14)

O lugar de solidão e morte que nos atravessa é projetado para que só consigamos imaginar as nossas existências a partir de uma ótica que nos leva a crer que “estamos cercadas, que onde há nação, há brutalidade e onde há brutalidade, nós somos o alvo” (MOMBAÇA, 2020, p.15). A Boate Armadilha propõe um espaço imaginário possível de um corpo travesti não fetichizado, não objetificado, nem hiper sexualizado, animalizado e indigno de amor. Uma instalação temporária onde a brutalidade não entra e nossos corpos são homenageados e honrados, onde nossa força reverbera na potência das nossas irmãs travestis, que dançam e cantam a sua liberdade, para longe do regime cis heteronormativo do desafeto.

A *Boate Armadilha* nada tem a ver com a esperança de sermos amadas por homens cis. Ela é um reduto de beleza trans, um lugar de empoderamento e fortalecimento em comunidade. Uma armadilha, pois, quando tentarem nos matar, estaremos munidas de uma revolta organizada e cheia de afeto entre nós mesmas. Teremos um lugar possível de engrandecimento do que somos e seremos vias de fornecimento de afeto, como um vírus.

(...) eles virão para nos matar, porque não sabem que somos imorríveis. Não sabem que nossas vidas impossíveis se manifestam umas nas outras. Sim, eles nos despedaçarão, porque não sabem que, uma vez aos pedaços, nós nos espalharemos. Não como povo, mas como peste: no cerne mesmo do mundo, e contra ele.” (Mombaça, 2020, p.16)

Eu vi um futuro possível, onde nossos corpos não mais se amontoarão em dados do governo e jornais televisivos. Nosso espaço será onde quisermos, a hora que desejarmos. Nossas mortas jamais serão esquecidas.

3. Artivismo dos Afetos na performance “Contágio”

Como desdobramento de *Boate Armadilha*, propus uma ação na disciplina *A dimensão política da colaboração: revitalizando o comum*, ministrada pelo professor Giancarlo Martins, no PPGARTES – UNESPAR. A ação foi intitulada *Contágio* e pretendia estender para o espaço da academia a solidão vivida por uma mulher trans em busca de afeto, ou pequenos gestos de aproximação.

A instrução era simples: por favor, fiquem à vontade para ajudar a hidratar a minha pele, enquanto escutamos um texto a partir de algumas reflexões que tive durante essa aula. Após a instrução, retirei o meu vestido azul turquesa, ficando perante os meus colegas da turma apenas de calcinha e sutiã: bastante pele à mostra, gorduras, dobras, cabelos e muita vulnerabilidade. Os potes de hidratante estavam ao meu lado e não demorou muito até que a primeira pessoa, uma mulher cis, se levantasse e passasse suas mãos com hidratante em meu corpo seminua. A camada oleosa de produto extremamente cheiroso não separava as mãos daquela mulher do meu corpo. Era a primeira vez que tocava uma travesti seminua. Logo outra mulher cis negra e uma pessoa não binária também me tocaram. À essa altura a introdução de *Teatro*, música da cantora latina La Lupe já havia tocado e um texto com minha voz se iniciava: “peço licença, licença a linguagem acadêmica e às poucas travestis que por aqui passaram antes de mim e saúdo as multidões de minhas irmãs que por aqui haverão de passar”. A voz começa a mudar, estou manipulando a minha voz gravada enquanto sinto aquelas mãos me acariciarem, me tocam com leveza e sensibilidade. Agora não mais apenas mulheres cis e pessoas não binárias, mas homens cis heterossexuais e gays me tocam. A voz muda de um registro médio para outros registros mais graves e agudos durante o texto, como quem brinca com o fato de saber que não é percebida por todas as pessoas ali da mesma maneira. É homem ou mulher a travesti? Não sou homem nem mulher e sei que a maioria dos meus colegas nunca tocaram um corpo trans, ou, mais grave ainda, nunca tocaram um corpo trans em público. A atmosfera é jocosa, como quem convida o público para cair numa armadilha, e a partir de hoje tudo vai se transformar. “Começa aqui um mapeamento dos afetos” continua minha voz... “minha potência é meu afeto... o contato pele a pele com uma travesti é como um vírus. Contágio. Uma ação que combate milênios de paixões tristes”. Meus sapatos são retirados. E pareceu-me que uma multidão me acariciava.

No final, minha voz gravada, meio distorcida, meio robótica, respondia:

(...) Eu me torno um corpo grupal
 A medida que sua mão entra em contato com a minha pele
 Uma rede se constrói
 somos um corpo antena e vibrações estão sendo captadas através de nós
 você me toca
 eu te toco

estamos longe das sombras
Transcendentalizadas
SAIA DA SOMBRA
REDEFINA O COMUM
Veja
Estamos nos fundindo
Você está se fundindo com A OUTRA
Como você se sente ao me sentir?
No que está pensando?
Em meu corpo hackeado corre um vírus de altíssimo contágio
um vírus que te descentra
você não sabe ainda mas agora somos a mesma coisa
Prestes a nos transformarmos em outra.

Considerações finais

Chistine Greiner (2023) fala da revitalização da aptidão política da performance para que haja um compartilhamento através de um micro ativismo dos afetos. Os modos de operar da performance podem colocar em evidência e desestabilizar mecanismos de poder, instaurando assim novo *munus*, onde sujeitos se esvaziam e se desfazem no coletivo.

Greiner (2023, p.35) também afirma que “O reenactment ontológico da performance, indaga acerca do *munus* de sujeitos performers não imunizados e não subservientes ao mercado”. Relaciono esta reflexão aos escritos de Leandro Colling (2017) em *Artivismos das dissidências sexuais e de gênero*. Neste livro o autor traça um mapeamento de grupos e coletivos no Brasil, e que através de suas performances problematizam e questionam as normas de gênero e sexualidade. Ao fazê-lo aproximam-se da noção de ativismo.

As performances *Boate Armadilha* e *Contágio* foram oportunidades de interação entre diferentes corpos, buscando também pequenas articulações políticas ao criarem espaços de não solidão para travestis serem amadas e alvos de afeto à luz do dia, sem medo.

REFERÊNCIAS

COLLING, Leandro; **Artivismos das dissidências sexuais e de gênero**, Salvador, EDUFBA, 2017.

GREINER, Christine; **Corpos Crip: instaurar estranhezas para existir**. São Paulo. N-1, 2023.

..... **O REENACTMENT POLÍTICO DA PERFORMANCE E SEUS MICROATIVISMOS DE AFETOS**. Revista Científica/FAP, Curitiba, v. 21, n. 2, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/revistacientifica/article/view/3179>. Acesso em: 7 ago. 2024.

MBEMBE, Achille. **Políticas da inimizade**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: N-1 Edições, 2020a.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MALLMANN, Francisco. **Pinheiros e Precipícios**. Dramaturgia própria, 2017.